

W. G. SEBALD

Os anéis de Saturno

Uma peregrinação inglesa

Tradução

José Marcos Macedo



Copyright © 1995 by Eichborn AG, Frankfurt am Main

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Publicado anteriormente no Brasil pela editora Record, em 2002

A foto do Templo de Herodes reproduzida nas pp. 244-5 é de © Alec Garrard

Título original

Die Ringe des Saturn — Eine englische Wallfahrt

Capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Elisa Cardoso/ Máquina Estúdio

Preparação

Julia Bussius

Revisão

Angela das Neves

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sebald, W. G., 1944-2001.

Os anéis de Saturno : uma peregrinação inglesa / W. G. Sebald ; tradução José Marcos Macedo. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Die Ringe des Saturn — Eine englische Wallfahrt.

ISBN 978-85-359-1723-9

1. Ficção alemã. 1. Título.

10-07717

CDD-833

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura alemã 833

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

I

No hospital — Obituário — Odisseia do crânio de Thomas Browne — Aula de anatomia — Levitação — Quincunce — Seres de fábula — Cremação	11
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

II

A locomotiva a diesel — O palácio de Morton Peto — Visita a Somerleyton — As cidades alemãs em chamas — O declínio de Lowestoft — Kannitverstan — O balneário de antiga-mente — Frederick Farrar e a corte de Jaime II	37
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

III

Pescadores na praia — A história natural do arenque — George Wyndham Le Strange — Um grande rebanho de porcos — A reduplicação dos homens — Orbis Tertius	59
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

IV

A batalha naval de Sole Bay — À noitinha — A rua da estação em Haia — Mauritshuis — Scheveningen — Túmulo de são	
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Sebaldo — Aeroporto Schiphol — Invisibilidade dos homens — Sailor's Reading Room — Imagens da Primeira Grande Guerra — O campo de concentração de Jasenovac junto ao Seva	81
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

V

Conrad e Casement — O garoto Teodor — Exílio em Vologda — Novofastov — Morte e enterro de Apollo Korzeniowski — Vida no mar e vida amorosa — Jornada de inverno — O coração das trevas — O panorama de Waterloo — Casement, a economia escravocrata e a questão irlandesa — Casement processado e executado por traição	107
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

VI

A ponte sobre o Blyth — O trem palaciano chinês — A rebe-lião Taiping e a abertura da China — Destruição do jardim de Yuan Ming Yuan — O fim do imperador Hsien-feng — A imperatriz viúva Tz'u-hsi — Mistérios do poder — A cida-de debaixo do mar — O pobre Algernon	139
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

VII

A charneca de Dunwich — Marsh Acres, Middleton — In-fância em Berlim — Exílio na Inglaterra — Sonhos, afinida-des eletivas, correspondências — Duas histórias estranhas — Através da floresta tropical	169
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

VIII

Conversa sobre o açúcar — Boulge Park — Os FitzGerald — O quarto das crianças em Bredfield — Os passatempos literários de Edward FitzGerald — A Magic Shadow-Show — Perda de um amigo — Fim de ano — Última viagem, paisagem de verão, lágrimas de felicidade — Uma partida de do-

minó — Lembrança da Irlanda — Sobre a história da guerra civil — Incêndios criminosos, empobrecimento e ruína — Catarina de Siena — Culto ao faisão e espírito empresarial — Através do deserto — Armas secretas de destruição — Em outro país	193
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

IX

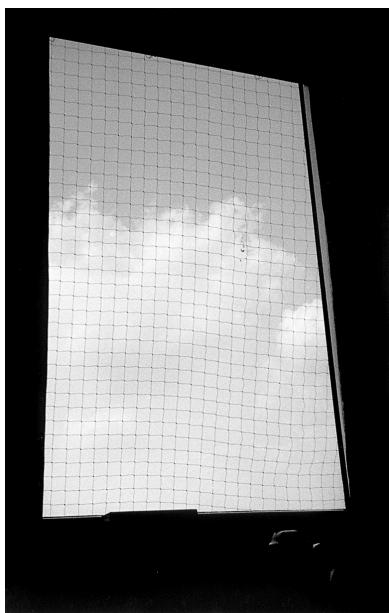
O templo de Jerusalém — Charlotte Ives e o visconde de Chateaubriand — Memórias de além-túmulo — No cemitério de Ditchingham — Ditchingham Park — O furacão de 16 de outubro de 1987	237
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

X

O Musaeum Clausum de Thomas Browne — A mariposa da seda, <i>Bombyx mori</i> — Origem e difusão da sericultura — Os tecelões de seda de Norwich — A melancolia dos tecelões — Livros de amostras: natureza e arte — A sericultura na Alemanha — A matança — Seda de luto	267
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

Em agosto de 1992, quando os dias de canícula chegavam ao fim, pus-me a caminhar pelo condado de Suffolk, no leste da Inglaterra, na esperança de escapar ao vazio que se alastrava em mim sempre que termino um longo trabalho. E de fato essa esperança cumpriu-se até certo grau, pois poucas vezes me senti tão desobrigado como na época, vagando horas e dias a fio pela faixa de território em parte só parcamente povoada que se estende pelo interior a partir da costa. De outro lado, porém, parece-me agora que a velha superstição, segundo a qual certas doenças da alma e do corpo se infundem em nós de preferência sob o signo da Canícula, tem provavelmente sua justificativa. Seja como for, na época que se seguiu me ocupei tanto com a lembrança do agradável senso de liberdade quanto com o horror paralisante que me acometia em diversos momentos, em face dos traços de destruição que, mesmo nessa região longínqua, remontavam até o passado distante. Talvez tenha sido por causa disso que, exatamente um ano após o dia em que dei início à minha viagem, fui levado num estado de quase total imobilidade ao hos-

pital de Norwich, a capital da província, onde então, ao menos em pensamento, comecei a redigir estas páginas. Ainda me lembro precisamente como, logo após dar entrada em meu quarto situado no oitavo andar do hospital, fui esmagado pela ideia de que as amplidões percorridas no verão anterior em Suffolk haviam agora encolhido definitivamente a um único ponto cego e surdo. Da minha cama, de fato, não se podia ver mais nada do mundo a não ser uma nesga pálida do céu, emoldurada pela janela.



O desejo que eu sentia várias vezes ao longo do dia de me certificar da realidade, que eu temia ter desaparecido para sempre, olhando por essa janela de hospital, estranhamente protegida com uma rede preta, ficava tão forte quando vinha o crepúsculo que, após conseguir de algum modo escorregar pela borda da cama até o chão, meio de barriga, meio de lado, e alcançar de quatro a parede, eu me erguia, apesar das dores, içando-me a

custo até o parapeito da janela. Na postura contorcida de uma criatura que se alçou ereta pela primeira vez, eu ficava encostado contra o vidro e pensava involuntariamente na cena em que o pobre Gregor Samsa, as perninhas trêmulas, escala a poltrona e olha para fora do quarto, com uma lembrança indistinta, assim ele diz, da sensação de liberdade que antes lhe propiciava olhar pela janela. E tal como Gregor, com os olhos turvos, não reconhecia mais a Charlottenstrasse, a rua calma onde ele morava fazia anos com a família, tomando-a por um deserto cinza, assim também me parecia totalmente alheia a cidade a mim familiar, que se estendia dos pátios do hospital até os longes do horizonte. Eu não conseguia imaginar que no labirinto de edifícios lá embalhado ainda houvesse alguma coisa viva; antes, era como se olhasse de cima de um penhasco para um mar de pedra ou um campo de entulhos, do qual as massas tenebrosas dos prédios de estacionamento se erguiam como gigantescos blocos erráticos. Nessa hora de lusco-fusco, não se via nenhum passante na vizinhança imediata, exceto uma enfermeira cruzando os tristes jardins da entrada, a caminho do turno da noite. Uma ambulância com luz azul avançava do centro da cidade para o pronto-socorro, dobrando lentamente várias esquinas. O som da sirene não chegava até mim. Na altura em que me encontrava, estava envolto num silêncio quase completo, por assim dizer, artificial. Só se ouviam as rajadas de vento que varriam o país lá fora, fustigando a janela, e às vezes, quando cessava tal ruído, o zunido incessante em meus próprios ouvidos.

Agora que começo a passar a limpo minhas notas, mais de um ano após receber alta do hospital, é inevitável me ocorrer o pensamento de que, na época, enquanto observava do oitavo andar a cidade que afundava no crepúsculo lá embaixo, Michael Parkinson ainda estava vivo em sua casinha na Portersfield Road, talvez ocupado, como de hábito, na preparação de um seminá-

rio ou em seu estudo sobre Ramuz, que já lhe consumira vários anos. Michael beirava os cinquenta, era solteirão e, imaginou, uma das pessoas mais inocentes que já encontrei. Nada lhe era tão alheio quanto o egoísmo, nada o preocupava mais que o cumprimento de seus deveres, sob condições que eram, já fazia algum tempo, cada vez mais adversas. Mais do que tudo, porém, distingua-se pela modéstia de suas necessidades, que muitos afirmavam beirar a excentricidade. Numa época em que a maioria das pessoas precisam comprar continuamente para se sustentar, Michael praticamente jamais saía para fazer compras. Ano após ano, desde que o conheci, ele usava ora um paletó azul-escuro, ora um paletó cor de ferrugem, e quando os punhos puíam ou os cotovelos desfiavam, pegava ele próprio linha e agulha e costurava um reforço de couro. Dizem até que virava do avesso os colarinhos de suas camisas. Nas férias de verão, Michael costumava fazer longas viagens a pé pelo Valais e pelo Vaud, ligadas a seus estudos sobre Ramuz, e às vezes também pelo Jura ou pelas Cevenas. Em geral, quando ele voltava de uma dessas viagens ou quando eu admirava a seriedade com que sempre executava seu trabalho, me parecia que a seu modo ele encontrara a felicidade, numa forma de modéstia que mal se concebe hoje em dia. Mas então chegou de repente a notícia em maio passado de que Michael, a quem ninguém via fazia alguns dias, fora encontrado morto na cama, deitado de lado e já bem rígido, o rosto curiosamente salpicado de manchas vermelhas. O inquérito judicial concluiu *that he had died of unknown causes*, um veredicto ao qual acrescentei para mim mesmo: *in the dark and deep part of the night*. O choque que tivemos com o falecimento inesperado para todos de Michael Parkinson afetou sobretudo Janine Rosalind Dakyns, que, tal como Michael, era professora de romanística e também solteira, ou talvez até se possa dizer que ela foi tão incapaz de suportar o luto pela morte de Michael, com quem

mantinha uma espécie de amizade infantil, que algumas semanas depois de sua morte ela própria sucumbiu a uma doença que em breve lhe consumiu o corpo. Janine Dakyns, que morava numa ruela perto do hospital, estudara, como Michael, em Oxford e ao longo dos anos desenvolvera uma ciência de certo modo particular sobre o romance francês do século XIX, livre de toda vaidade intelectual e sempre guiada pelo detalhe obscuro, nunca pelo que era evidente, sobretudo no tocante a Gustave Flaubert, estimado por ela muito acima de todos, de cuja correspondência de milhares de páginas ela citava longas passagens nas mais diversas ocasiões, o que sempre me deixava admirado. Aliás, ela, que ao expor suas ideias costumava ficar em tal estado de excitação que chegava a preocupar, tomou grande interesse pessoal em investigar os escrúpulos que marcavam a escrita de Flaubert, aquele medo do falso que, como ela dizia, às vezes o confinava ao sofá por semanas e meses a fio, com o receio de que nunca mais seria capaz de pôr no papel nem sequer uma frase sem se comprometer da maneira mais embaraçosa. Nessas ocasiões, dizia Janine, não só lhe parecia que estava absolutamente fora de cogitação continuar a escrever, mas ele estava convencido, além disso, de que tudo aquilo que havia escrito até então não passava de uma sucessão dos mais imperdoáveis erros e mentiras, cujas consequências eram incalculáveis. Janine sustentava que os escrúpulos de Flaubert remontavam ao avanço inelutável da estupidez que observava em toda parte e que, como ele imaginava, já havia se propagado em sua cabeça. Era como, assim dizem que ele falou certa vez, se a pessoa afundasse na areia. Talvez por esse motivo, afirmava Janine, a areia tinha tanta importância em toda sua obra. A areia conquistava tudo. Nos sonhos que Flaubert tinha dormindo e acordado, dizia Janine, enormes nuvens de pó sopravam sem parar, erguidas em redemoinho sobre as planícies áridas do continente africano e avançando sobre o Me-

diterrâneo e a Península Ibérica, para depois baixarem como cinzas sobre o Jardim das Tulherias, sobre um subúrbio de Rouen ou uma cidadezinha do interior na Normandia, penetrando as fendas mais minúsculas. Num grão de areia da bainha do vestido de inverno de Emma Bovary, dizia Janine, Flaubert enxergava todo o Saara, e cada partícula de pó pesava para ele tanto quanto a cordilheira do Atlas. Muitas vezes, ao final do dia, conversei com Janine sobre a visão de mundo de Flaubert no escritório dela, onde havia tamanha quantidade de notas de aula, cartas e escritos de todo tipo jogados pelos cantos, que se tinha a impressão de estar no meio de um dilúvio de papel. Na escrivaninha, origem e ponto focal dessa fantástica profusão de papéis, surgira no correr do tempo uma autêntica paisagem de papel com montanhas e vales, que agora se partia nas bordas como quando uma geleira atinge o mar, e formava novos depósitos no chão à volta, que por sua vez avançavam imperceptivelmente para o meio do recinto. Anos antes, Janine já fora obrigada pela massa de papel que não parava de crescer a esquivar-se para outras mesas. Essas mesas, nas quais em seguida se deram processos de acumulação semelhantes, representavam por assim dizer eras posteriores na evolução do universo de papel de Janine. O tapete também sumira havia muito sob diversas camadas de papel, ou antes, o papel começara a se erguer do chão no qual se precipitara continuamente de meia altura, e agora as paredes estavam cobertas até a padiéira da porta com folhas e mais folhas de documentos, parte deles em calhamações grossos empilhados uns sobre os outros, presos sempre com um clipe num único canto. Onde fosse possível, havia pilhas de papel também sobre os livros nas prateleiras, e todo esse papel, pensei comigo certa vez, reunia em si nas horas de crepúsculo o reflexo da luz minguante, tal como antes a neve nos campos sob o retinto céu noturno. O último local de trabalho de Janine foi uma poltrona empurrada mais ou menos para

o centro do escritório, e quem passasse pela porta sempre aberta a via debruçada, rabiscando num bloco apoiado nos joelhos ou reclinada e perdida em pensamentos. Quando lhe disse certa vez que, sentada entre seus papéis, ela parecia o anjo da *Melancolia* de Dürer, imóvel em meio às ferramentas da destruição, sua resposta foi que a aparente desordem de suas coisas representava na verdade algo como uma ordem perfeita ou que aspirava à perfeição. E, de fato, ela sabia encontrar na hora o que quer que procurasse em seus papéis, em seus livros ou em sua cabeça. Foi Janine também quem me indicou o cirurgião Anthony Batty Shaw, que ela conhecia da Oxford Society, quando logo após receber alta do hospital comecei minhas pesquisas sobre Thomas Browne, que atuara como médico em Norwich no século XVII e deixara uma série de escritos que mal permitem qualquer comparação. Na época, eu topara com um verbete na *Encyclopaedia Britannica* no qual se lia que o crânio de Browne era mantido no museu do Norfolk & Norwich Hospital. Por mais inequívoca que me parecesse essa afirmação, minhas tentativas de localizar o crânio onde eu próprio ficara internado recentemente tiveram pouco sucesso, pois entre as senhoras e os senhores da atual administração do hospital, nenhum tinha conhecimento da existência de tal museu. Não só me fitavam com total incompreensão quando eu expunha meu pedido, como cheguei mesmo a ter a impressão de que alguns daqueles a quem fazia minha pergunta me tomavam por um excêntrico importuno. Mas é sabido que, na época em que os chamados hospitais públicos estavam sendo fundados como parte do projeto geral de saneamento, muitas dessas instituições mantinham um museu ou, melhor dizendo, uma câmara de horrores, onde fetos prematuros, defeituosos ou hidrocefálicos, órgãos hipertrofiados e coisas do tipo eram preservados em vidros de formol para fins de demonstração científica e ocasionalmente para exibição ao público. A ques-

tão era saber onde tinham ido parar essas coisas. A seção de história local da biblioteca central, destruída nesse meio tempo por um incêndio, tampouco pôde me dar informações sobre o hospital de Norwich e o paradeiro do crânio de Browne. Somente o contato com Anthony Batty Shaw, através de Janine, forneceu-me o esclarecimento desejado. Thomas Browne, escreveu Batty Shaw num artigo que acabara de publicar no *Journal of Medical Biography*, morreu em 1682, no seu aniversário de setenta e sete anos, e foi sepultado na igreja paroquial de St. Peter Mancroft em Norwich, onde seus restos mortais descansaram até 1840, quando o caixão foi danificado durante os preparativos para um enterro quase no mesmo local do coro, e seu conteúdo parcialmente exposto. Por causa desse incidente, o crânio de Browne e uma mecha de seu cabelo passaram para a propriedade do médico e deão Lubbock, que por sua vez legou as relíquias ao museu do hospital, onde foram postas em exibição em meio a todo tipo de curiosidades anatômicas até 1921, sob uma redoma de vidro feita expressamente para tanto. Foi só então que os reiterados pedidos da paróquia de St. Peter Mancroft para a devolução do crânio de Browne foram aceitos e, quase um quarto de milênio depois do primeiro enterro, um segundo funeral foi realizado com toda a pompa. O próprio Browne, em seu famoso tratado (meio arqueológico, meio metafísico) sobre a prática da cremação e das urnas funerárias, oferece o melhor comentário a respeito da posterior odisseia de seu próprio crânio, quando escreve que ser raspado para fora do túmulo era uma tragédia abominável. Mas quem conhece, ele acrescenta, o destino de sua ossada e sabe quantas vezes será enterrado?

Thomas Browne veio ao mundo em 19 de outubro de 1605 em Londres, filho de um mercador de seda. Pouco se sabe sobre sua infância, e nos relatos de sua vida mal se tem notícia sobre o tipo de formação médica que teve após concluir o mestrado em